

Este volume da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB)* dedica-se ao Dossiê *Pesquisa com narrativas de crianças e jovens*, organizado por Maria da Conceição Passeggi e Conceição Leal da Costa, em que as discussões recentes sobre a temática privilegiam parcerias interinstitucionais no desenvolvimento da investigação científica em redes de pesquisa nacional e internacional, e ampliam diálogos epistêmicos, metodológicos e modos como os autores desenvolvem pesquisas na França, Portugal, Suíça, Canadá e no Brasil, voltadas para a compreensão dos modos de dizer, de ser e de (con)viver de crianças e jovens, notadamente, em ambiente escolar, social e/ou hospitalar, nesses países.

As pesquisas apresentadas no Dossiê tomam como centralidade o protagonismo da criança e de jovens, ao tempo em que interrogam e sistematizam discussões sobre o cuidado, a violência sexual, física e simbólica, a justiça social e questões relacionadas à ética em pesquisa e ao bem-estar. Da mesma forma, problematizam-se processos de aprendizagens em crianças e jovens no espaço escolar e para além dele, mediante movimentos de escuta e de construção partilhada de narrativas e saberes através de diferentes processos formativos.

As experiências do mundo da vida e do cotidiano inscritas nos espaços familiar, escolar, hospitalar e social são circunscritas a conhecimentos vividos e que possibilitam narrativas que expressam modos como cada um, de sua forma e de seus lugares, compreendem e interpretam suas vidas e as dimensões de aprendizagens mediadas pelas narrativas.

Os 20 artigos que compõem o Dossiê evidenciam dimensões existenciais, culturais, afetivas em múltiplos contextos, deslocando

o olhar para reflexões sobre dispositivos, métodos, abordagens do pesquisar *com* e *não sobre* crianças e jovens, e os modos como eles atribuem sentidos e significados às relações que estabelecem com o outro, com o saber, consigo mesmos e com o mundo, o que implica revisões sobre desafios e apostas atuais da pesquisa (auto)biográfica com crianças e jovens.

O cenário mundial, atual, face ao contexto pandêmico, faz emergir novas configurações das infâncias e juventudes, especialmente, no que se refere ao lugar da escola, à retomada das aulas sob a fora de interações remotas, o que obriga a revisitar modos de ensinar-aprender e a interrogar ações de apagamentos da infância e da juventude nos grandes centros urbanos, nas periferias e em territórios rurais, exigindo políticas públicas educacionais e sociais que contribuam para a minimização da violência em contextos de vulnerabilidade social e que tendem a se expandir pela ou na ausência do estado, nas medidas de segurança, de justiça e de equidade social. Nesta perspectiva, a aprovação do recente Decreto nº 10.502/2020, que institui a nova Política Nacional de Educação Especial, vai na contramão do sentido de ser criança, jovem ou adulto, que convive com algum tipo de doença crônica, deficiências, restringindo-os de seus direitos e garantias de partilhar e viver plenamente o processo de escolarização em escolas regulares. Além desse episódio, marcado por intencionalidades toscas, ações policiais agressivas, homicidas e cada vez mais excludentes, reverberam de forma mais cruel na população de baixa renda, jovens negros, pardos, indígenas, que são marcados pela exclusão social, estigmatização e que, sobremaneira, sofrem diuturnamente violências físicas, morais e corporais.

A seção “Artigos” está constituída por nove textos que dialogam entre si, mas que guardam suas especificidades, quanto às abordagens teóricas, de método e de sistematização. A diversidade de temáticas amplia os horizontes de interrogações que se expressam em cartas de prisioneiros, escritas de encarcerados, publicadas na revista *A Estrêla*. São igualmente emblemáticas as relações homem/máquina e suas implicações para memórias. Tais narrativas, quer elas sejam brancas, negras ou gays, são de grande relevância para as discussões sobre os binômios mulheres e educação, sexualidade e família, assim como para a compreensão das intersecções com a religiosidade. Por fim, aborda-se a discussão sobre o estágio supervisionado e a formação, assim como sobre questões voltadas para o desenvolvimento profissional docente.

A seção “Artigos” se inicia com o texto *De Václav a Olga: pacto epistolar e estratégias de escrita nas cartas de um prisioneiro*, de autoria de Thiago Borges de Aguiar e Geovana Corassa Rossi, que explora a construção do pacto epistolar e questões relacionadas à censura de cartas escritas por Václav Havel (1936-2011) à sua esposa, Olga Havlová, e publicadas em livro logo após sua libertação, entre meados de 1979 e início de 1983, num movimento de inflexão de “si”, de suas experiências na prisão, e modos como foi forjando sua liberdade e condições de existência humana, em narrativas sobre culpabilidade e normalidades do cotidiano.

O texto de Daiane Tavares, *Encarcerados “abrem suas almas”: reflexões a partir dos escritores da revista A Estrêla*, aborda temas dos escritores privados de liberdade, publicados na revista *A Estrêla: Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal*. A escrita é tomada como manifestação de discursos e de expressão de sentimentos, especialmente do cotidiano da prisão, o que conduz a pensar sobre

práticas do sistema penitenciário brasileiro, na década de 1950. O artigo possibilita-nos refletir sobre processos de invisibilização de sujeitos aprisionados e rever, através da escrita, formas de resistências e de denúncias sobre o sistema prisional do país.

Em *Memória e humanidade ciborgue: blade runner e a dicotomia humano máquina*, Hamilcar Silveira Dantas Junior, Fabio Zoboli e Renato Izidoro da Silva interpelam a memória para discutirem a dicotomia humano/máquina – ciborgue –, através da análise do clássico *Blade Runner* (1982). A condição do protagonista Rick Deckard é colocada na condição de humano ou replicante, e mediada por discussões sobre memória e características marcadas entre o natural e o artificial, o humano e o replicante, concluindo-se com a ideia de que a figura do ciborgue na narrativa fílmica demarca superação de dualismos como chave de leitura que explica parte de nossa existência.

O texto de Elaine Pedreira Rabinovich, Ana Maria Anunciação da Silva e Antonio José de Souza, *Negrageyjudia: três pessoas em uma (auto)biografia*, é escrito a três mãos e entrecruza histórias de vida, narrativas distintas e memórias autoetnográficas, revelando narrativas de uma mulher negra, uma judia e um homem gay, através de experiências da infância e de relações com o mundo que provocam a consciência identitária.

Discussões sobre gênero e sexualidade ganham força nos textos que seguem. O texto *Professora, engenheira e mulher: o sujeito da experiência no processo autoformativo de professores*, de Inalda Tereza Sales de Lima e Nilton Paulo Ponciano, analisa a narrativa (auto)biográfica de uma professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), e uma estudante do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET), com o objetivo de problematizar as dimensões formativas da autora na mediação entre a es-

tudante dos anos 1970 e a professora de Desenho Técnico. O artigo *Histórias de vida: uma análise do papel e da influência da família e da religiosidade sobre gênero e sexualidade*, de autoria de Andréa Silene Alves Ferreira Melo e Marco Antônio Leandro Barzano, busca analisar construções de gênero e sexualidade na vida de cinco licenciados(as) em Ciências Biológicas, com enfoque no papel e na influência da família e da religiosidade na constituição desses indivíduos. Ancorados em princípios da pesquisa (auto)biográfica e da utilização de entrevistas narrativas, os autores sistematizam aspectos relacionados à experiência e à memória, através da análise compreensiva-interpretativa de narrativas dos cinco colaboradores sobre questões de gênero e sexualidade em suas trajetórias de vida-formação, nas diversas instâncias sociais, tais como a família e a instituição religiosa e suas implicações para construção de subjetividades e identidades sociais e sexuais.

O texto de Maria Betânia e Silva, *Memórias de vida-formação de mulheres professoras*, amplia a discussão sobre mulheres e educação quando analisa disposições e trajetórias biográficas de oito mulheres que se tornaram professoras universitárias de instituições públicas na cidade de Recife. A centralidade do texto incide nos processos de constituição profissional de professoras universitárias no campo das Artes Visuais, com ênfase nas narrativas de infância e adolescência das colaboradoras e suas aproximações e contatos com a Arte e experiências artísticas.

Os dois últimos textos da seção “Artigos” voltam-se para reflexões sobre estágio, formação docente e desenvolvimento profissional de professoras alfabetizadoras. Em *Estágio supervisionado, via para a pesquisa: rodas de*

conversas e narrativas de experiências, Maria Luisa Furlin Bampi e Mairce da Silva Araújo objetivam analisar experiências vividas no cotidiano do estágio supervisionado, realizado na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), vinculada à Faculdade de Formação de Professores (UFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ao utilizarem narrativa de experiências educativas como modalidade de formação de professores e como dispositivo de pesquisa-formação no contexto do estágio supervisionado. O último texto, *Desenvolvimento profissional de professoras alfabetizadoras*, de autoria de Liliamar Hoça, intenta compreender aspectos relacionados ao desenvolvimento profissional de professoras, através das histórias de vida em formação de quatro professoras alfabetizadoras de escolas municipais, em tempos diferentes da profissão. A análise evidencia questões vinculadas aos laços de parentesco e escolha pela profissão, condições de trabalho e feminização do magistério, laços intergeracionais e processos formativos construídos na trajetória profissional e conhecimentos profissionais de professoras alfabetizadoras.

Desejamos que este número da *RBPAB* possa contribuir para o avanço da pesquisa com crianças e jovens, assim como com estudos e pesquisas realizados por pesquisadores que vêm se dedicando, mediante o uso de narrativas, a estudos com crianças e mulheres sobre relações étnico-raciais, questões de gênero, saúde, arte, cinema e educação, ampliando os horizontes da pesquisa (auto)biográfica como movimento epistêmico-político de pesquisa-ação-formação experiencial.

Salvador, primavera de 2020
Elizeu Clementino de Souza